

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
MAYARA THAÍS TRINDADE

MEMORIAL DE FORMAÇÃO:
CAMINHOS AFETIVOS E EFETIVOS

MAYARA THAÍS TRINDADE

MEMORIAL: CAMINHOS AFETIVOS E EFETIVOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de Taubaté
para obtenção do Certificado de Conclusão
de Curso de Pedagogia.

Orientador (a): Dra. Marcia Maria Dias Reis
Pacheco

MAYARA THAÍS TRINDADE
MEMORIAL: CAMINHOS AFETIVOS E EFETIVOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de Taubaté
para obtenção do Certificado de Conclusão
de Curso de Pedagogia.

Orientador (a): Dra. Marcia Maria Dias Reis
Pacheco

Data: 08/11/2022

Resultado:

BANCA EXAMINADORA

Prof (a): Dra. Márcia Maria Dias Reis Pacheco

Universidade de Taubaté

Assinatura

Prof (a): Dra. Roseli Albino dos Santos

Universidade de Taubaté

Assinatura

Prof. (a) Dra. Odila Amélia Veiga França

Universidade de Taubaté

Assinatura

Dedico este trabalho de conclusão de curso a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória estudantil e aos meus pais, pois sem eles nada seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha professora orientadora, Profa. Dra. Márcia Maria Dias Reis Pacheco, por sua dedicação e ensinamentos e à Profa. Dra. Roseli Albino dos Santos e à Profa. Dra. Odila Amélia Veiga França, por aceitarem meu convite e pela eminente presença em minha banca. O amor delas pela docência inspira. Obrigada Deus por permitir que eu tivesse saúde e determinação para concluir este ciclo.

Gostaria de agradecer ao meu pai, Nilson Heitor da Trindade (*In memoriam*), que, infelizmente, não pôde estar presente nesse momento tão importante, mas sei o quanto ele ficaria orgulhoso. À minha mãe, Aparecida Lúcia da Trindade, que esteve presente todos os dias, sendo minha companheira nos bons e maus momentos.

Agradeço também às minhas primas Cássia Fernanda da Silva, Letícia Aparecida da Silva e Karla Luciana da Silva, por serem meu suporte durante toda a vida.

Às minhas colegas de sala Julia Vieira, Gabriele Barbosa e Marissa Silva por dividirem os desafios da profissão e pela troca de experiências, por compartilhar do mesmo amor e torcer pelo sucesso umas das outras.

Ao meu namorado, Lucas de Lima Santíssimo, que foi meu alicerce durante esses anos, dando-me todo apoio e incentivo para continuar.

*Vem me pedir além do que eu
posso dar
É aí que o aprendizado está
Vem de onde não sonhei me
presentear
Quando chega o fim da linha
e já não há aonde ir
Num passe de mágica
A vida nos traz sonhos pra seguir”
Eu e a vida (Jorge Vercillo)*

SUMÁRIO

1. MEMORIAL DE FORMAÇÃO.....	08
1.1 Introdução.....	08
1.2 Meus Caminhos.....	08
1.2.1 Jardim de Infância.....	10
1.2.2 Ensino Fundamental.....	12
1.2.3 Ensino Médio.....	13
2. ENSINO SUPERIOR.....	17
2.1 Estágio em Pedagogia: o que é ser Professora?.....	18
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS.....	29

1. MEMORIAL DE FORMAÇÃO

1.1 Introdução

A única coisa que nos acompanha por toda vida, além do conhecimento, são nossas lembranças, sendo elas positivas ou não. Carregam a função de nos ensinar e amadurecer. Os momentos eternizados na memória são despertados a partir de sensações, que nos trazem uma nostalgia específica, assim como um sabor, um cheiro, uma canção são fatores que provocam o sentimento de voltar no tempo, nem que seja por um instante.

Segundo Severino (2000) “O memorial de formação se constitui numa autobiografia, histórica e reflexiva. Deve ser composto sob a forma de relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor” (SEVERINO, 2000, p. 175). Sendo assim, por meio deste memorial de formação, apresento o meu trajeto até o presente momento e como as minhas escolhas contribuíram para o meu interesse no campo docente da Pedagogia.

1.2 Meus Caminhos

Durante toda minha infância eu escutei, dos meus pais, que o ato de estudar era o que proporcionava um futuro digno para todos. Meu pai, em 1977, aos 18 anos de idade, saiu da roça no interior de Minas Gerais e veio para Taubaté-SP buscar melhores condições de vida, mas só em 1988, conseguindo comprar uma casa e com um bom trabalho na FORD, pôde buscar minha mãe. Ela, por outro lado, nunca trabalhou fora de casa e dedicou sua vida a cuidar de mim e do meu irmão. Ambos, a todo momento, se esforçaram para que nossa vida fosse diferente da deles, incentivando e facilitando nosso processo estudantil.



Para Wallon (1979), as experiências afetivas vivenciadas na infância atuam diretamente na vida adulta, sendo um dos aspectos centrais do desenvolvimento da criança. Os valores éticos e morais transmitidos a mim pelo meus pais são valiosos e serão repassados a meus filhos. Recordo-me, de ainda bem nova, lá por volta dos meus 3 anos de idade, que minha vizinha, que morava algumas casas acima, me esperava no portão para eu ficar na casa dela enquanto minha mãe descia a rua em direção ao ponto de ônibus e ia à escola terminar o ensino fundamental, já o meu pai, que só tinha feito até a quarta série, o terminou quando entrou na fábrica.

Minha mãe tem 12 irmãos e, apesar da distância, todos foram muito presentes na minha infância. Todos os anos, no período de férias, nós viajavamos para São João Del Rei-MG para visitá-los. O calendário escolar mineiro era diferente do paulista e, muitas vezes, minhas primas ainda estavam em aula quando lá chegávamos, só que a realidade delas era bem diferente da minha: acordavam às 4h da manhã para pegar uma *van* na porteira às 5h da manhã e chegar a tempo na aula.

Em épocas de muita chuva, elas não precisavam ir. Aquilo tudo me parecia muito curioso e diferente, mas já me fazia enxergar que a desigualdade existia e como ela atrapalhava o processo de ensino. O que mais me chamava atenção era como um tio meu, que criava gado e estava com as roupas sempre sujas por tirar leite, sabia Matemática de forma extraordinária mesmo sem ter escolaridade. No presente, enxergo o quanto essas pequenas experiências enriqueceram meus conhecimentos e, acima de tudo, me fizeram ser uma pessoa empática, percebendo e entendendo que existem diferentes realidades.

Quando eu tinha por volta de 3 anos, costumava brincar com uma vizinha, alguns anos mais velha, de escolinha no quintal da casa dela. Em um quadro negro bem simples e pequeno, eu conheci todas as letras e números e,

gradativamente, fui aprendendo a ler algumas palavras e aquela me parecia ser a melhor brincadeira do mundo, percepção que continuou mesmo depois que eu ingressei na escola.

Atentando-me para a minha aprendizagem gradativa, lembro-me de quando ganhei meu primeiro livro, que ainda guardo com muito carinho, chamado “Os porquês do coração” e quase todos os dias eu fazia sua leitura pelas imagens. Por se tratar de um livro infantil com questionamentos e assuntos delicados como a morte, quando aprendi a ler todas as palavras, entendi a história com muita sensibilidade e emoção e guardo seu grande significado até hoje.



Segundo Silva (1992) “[...] bons livros poderão ser presentes e grandes fontes de prazer e conhecimento. Descobrir estes sentimentos desde bebezinhos, poderá ser uma excelente conquista para toda a vida” (SILVA, 1992, p.57).

1.2.1 Jardim de Infância

Eu nasci dia 31/12/1997 e, por essa razão, em 2001, precisei iniciar meus estudos em uma sala com alunos mais novos do que eu. Desde sempre meus pais foram criteriosos quanto à minha educação. O colégio Peixinho Dourado foi indicação de uma amiga da família e, com certeza, foi amor à primeira vista. Minha mãe diz que parecia um sonho, “linda até no nome”, e o fato de ser uma escola pequena, possibilitava o contato com os donos, o que fez toda diferença na escolha.

Aos 4 anos de idade, iniciei na Pré-Escola e as expectativas sobre o ensino sempre foram as melhores. O processo de adaptação foi sereno, na fala

de minha mãe: “todas as crianças eram um sonho” e eu amava tanto a escola que, nas férias, pedia para voltar ao “meu peixinho”. A escola tinha uma ótima comunicação com as famílias, o que favoreceu descontos na mensalidade em épocas de dificuldades financeiras, permitindo continuar com os estudos lá. Era um ambiente que prezava pelo bem-estar dos seus alunos.



Para Wallon (1979), duas funções básicas constituem a personalidade: afetividade e inteligência. A afetividade está relacionada às sensibilidades internas e se orienta em direção ao mundo social e para a construção da pessoa; a inteligência, por sua vez, vincula-se às sensibilidades externas e está voltada para o mundo físico, para a construção do objeto.

Aulas de dança, música, natação, jazz e artes faziam parte do currículo desde os anos iniciais. Gradualmente, foram inseridas apostilas e livros que dispunham de uma sequência, o que facilitava o acompanhamento. Minha mãe me ajudava sempre com as atividades, mas, a princípio, eu não tinha dificuldades em realizá-las.

O percurso até a escola eu fazia de condução escolar com outras crianças de diferentes idades e fazíamos muitas brincadeiras, o que estimulava a criatividade e ajudava na interação. O afeto era muito presente nesses momentos, o que me motivava a ir à escola e, na medida em que fui crescendo, a condutora me passou a responsabilidade de abrir e fechar a porta da *van* para todos e me recordo do quanto isso foi importante para minha autoconfiança e atenção. Foi um processo rodeado de professores e educadores amorosos e dedicados.

Para a estudiosa Amélia Hamze, aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente. De acordo

com a nova ênfase educacional, centrada na aprendizagem, o professor é co-autor do processo de aprendizagem dos alunos. Nesse enfoque centrado na aprendizagem, o conhecimento é construído e reconstruído continuamente.

Pode-se constatar que o universo social da criança se desenvolve através da relação com outros seres, adquirindo conhecimentos e habilidades, e aprendendo a interagir com o mundo. Por meio dessas intermediações assumirá para si os princípios, valores éticos e morais, portanto, o Jardim de Infância é o primeiro contato da criança com o mundo fora de sua casa e com o ambiente escolar e, quando se sentem valorizadas e seguras nas primeiras etapas de vida, interfere para ser um adulto autoconfiante.

1.2.2 Ensino Fundamental

Já a mudança para o Ensino Fundamental, que também foi na mesma escola, despertou uma ansiedade e insegurança pelo fato de estarmos próximos aos alunos desse ciclo, acreditando serem mais maduros e com mais responsabilidades. Com a mudança do currículo, a todo momento eu apresentava dificuldade nas matérias da área de exatas.

Quando se aproximava a semana de prova, todos os dias precisava revisar a Matemática para conseguir a nota média, o que me deixava levemente frustrada. O que me motivava é que todas as outras notas eram excelentes, me dedicava para não ficar de recuperação, o que dificilmente acontecia. Ao longo dos anos, por estar ali a tanto tempo, fiz grandes amizades que são presentes até hoje.

A todo momento, por ser uma escola pequena, o contato era muito agradável. Os professores eram presentes e se preocupavam com a individualidade do aluno, procurando saber os motivos de notas ruins, incentivando uma relação de contato direto e amizade.

Com o início da adolescência, fase de muita intensidade e descobertas, tive o despertar da curiosidade de explorar e vivenciar o novo. Eu sempre tive muita dificuldade de me expressar, o que ocasionou um comportamento visto como rebelde e com frequência meus pais eram chamados na escola por mal comportamento.

A adolescência é a idade da certeza. Os adolescentes não desconfiam de suas ideias e opiniões. Acreditam piamente naquilo que seus pensamentos lhes dizem. Daí, a conclusão lógica de que todos os que têm ideias diferentes da suas só podem estar errados. Explica-se, assim, a sua dificuldade em lidar com opiniões discordantes. 'Sei muito bem o que estou fazendo': essa é a resposta padrão que eles usam para se destacar de uma advertência sobre um curso problemático de ação. (ALVES, 2010, pag. 34).

Um tempo depois, comecei a fazer terapia, o que me ajudou muito nesse processo de autoconhecimento. Segundo (Martins, 1987, p. 28) “A caracterização da adolescência não constitui tarefa muito fácil, porque aos fatores biológicos específicos, atuantes na faixa etária, se somam as determinantes socioculturais, advindas do ambiente onde o fenômeno da adolescência ocorre”.

Sempre fui muito observadora e o método de ensino de alguns professores me chamava atenção. Língua Portuguesa e Biologia eram duas matérias em que eu tinha muita facilidade e sempre acreditei ser devido à forma que eram ensinadas pelas professoras Alzira e Ana Carolina. Elas acreditavam que eu poderia ser melhor do que demonstrava e, como grandes professoras que eram, me incentivavam a melhorar e me preocupar com o meu futuro acadêmico.

Hoje, após cursar a disciplina Metodologia de Ensino e relacionar com as minhas experiências, me certifico do quanto o método que o educador utiliza para transmitir seus conhecimentos aos alunos é fundamental no processo de aprendizagem. A técnica deve se adequar às diferentes experiências didáticas vividas em sala de aula com a finalidade de proporcionar melhores condições de ensino e levar o aluno à autonomia.

1.2.3 Ensino Médio

No final de 2012, a transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio me preocupava muito: era a primeira vez, em 10 anos, que eu mudaria de escola e a insegurança foi tão grande que eu me senti doente e tive febre.

Em 2013, ingressei no colégio Dr. Alfredo José Balbi no 1º ano do Ensino Médio. Era uma escola grande, com muitas salas e todas cheias de alunos.

Recordo-me de estar no primeiro ano D e a letra das salas iriam até o F. Apesar de quase todos os meus amigos da antiga escola terem ido para lá, nenhum foi direcionado para a mesma sala que eu.

Por ser uma escola grande, com muitos alunos e professores, as relações não eram próximas e afetivas, o que dificultou muito a minha adaptação. Professores de universidade davam aula e a todo tempo era uma cobrança intensa sobre o nosso futuro. Por ser um colégio de aplicação, eu iniciei o Ensino Médio de manhã e no período da tarde fazia Técnico em Nutrição e Dietética, sendo assim, passava o dia todo lá.



Com o início das provas, veio a minha primeira decepção, minha primeira nota zero em Matemática. Eram dois professores aplicando partes diferentes sobre a matéria e eu não consegui me adaptar de forma alguma ao ensino, então minhas notas foram caindo em todas as matérias.

No final do ano, só dois amigos da antiga escola não reprovaram e, da minha sala de 30 alunos, restou apenas 18. Eu, por outro lado, não passei em Matemática, Física e Biologia, mas, pela política da escola, era permitido cursar até 3 matérias de dependência no período noturno. Comecei, então, a fazer aulas particulares.

A todo momento, eu sentia que a Matemática era um obstáculo no meu ensino. Na faculdade, após cursar a disciplina “Conteúdos e Metodologia do Ensino da Matemática”, compreendo a importância dessa disciplina ser trabalhada desde os anos iniciais, já que se constitui base para os próximos anos letivos.

Em 2014, quando fui para o 2º ano do Ensino Médio, já estava mais bem adaptada ao método da escola, mas ainda permanecia bastante insegura. Apesar de ter tido o despertar de uma paixão pela Nutrição, a rotina se tornou muito cansativa, pois passava os 3 períodos na escola: entrava às 07h e saía às 19h30. Com muito esforço e dedicação para manter os estudos, acreditava estar me adaptando e melhorando até enfrentar outro obstáculo: ouvi de uma professora que eu não era uma aluna no padrão da escola.

Naquele momento, ao ouvir essas palavras na frente de todos os colegas, realmente me senti incapaz e queria desistir. Foram dias sem querer ir para a escola, mas minha mãe, apesar de ter ficado extremamente chateada, não me deixou parar de tentar. Segundo Leite (2006):

As relações vivenciadas externamente repercutem internamente através de atos e pensamentos, emoção, sentimento e estados motivacionais, possibilitando, por exemplo, a constituição de sujeitos seguros (ou não), motivados para enfrentar novas situações, e, mesmo, superar desafios e eventuais fracassos (LEITE, 2006, p. 40).



Em 2015, por ser meu último ano e ter enfrentado tudo isso, eu me sentia capaz de concluir esse ciclo. Hoje, depois de 6 anos olhando para trás, posso dizer que o técnico de Nutrição e Dietética foi o que me fez forte nesses anos. O carinho e a amizade das professoras e colegas, a vontade que todos nós tínhamos de crescer juntos me fizeram ter muito respeito e admiração por mim e pelo próximo, mostrando que o processo estudantil não precisa ser doloroso, em especial as professoras Onilda e Flavia, que sempre acreditaram muito em mim e faziam questão de demonstrar isso. Por ser o último ano, precisava passar

por 3 estágios: em creche focada na alimentação, Unidade de Alimentação e Nutrição (UAN) e na clínica do Hospital Escola. Posso dizer que meu amor pela nutrição despertou o meu amor pela Pedagogia, pelo ato de ensinar.

Eu gostava tanto de fazer estágio e viver o que foi estudado na prática, que minhas notas melhoraram em todos os períodos e o medo de não me formar foi sendo extinto. Meu primeiro contato com a Educação Infantil foi na creche EMEI – Maria Anunciação Bueno Patrício e, apesar de ser com foco na alimentação das crianças, me possibilitou o contato direto com a sala de aula. Pela falta de estrutura apresentada, nós ajudávamos as professoras com as crianças, com pequenas atividades, teatros, decoração e eu via o quanto gostava de estar lá, sentia que nasci para ensinar. “É necessário, pois, que as atividades desenvolvidas no decorrer do curso de formação considerem o estágio como um espaço privilegiado de questionamento e investigação” (PIMENTA e LIMA, 2012, p. 112).



Os outros estágios também foram muito gratificantes, o que me despertou incertezas sobre qual curso escolheria na faculdade. Mesmo diante de uma rotina exaustiva, pude perceber o quanto todo aquele conhecimento estava sendo benéfico para a minha vida, conseguia me enxergar capaz de enfrentar qualquer obstáculo. Minha formatura foi um dos dias mais especiais da minha vida, consegui, ali, encerrar mais um ciclo.

Em 2016, como não tinha certeza sobre qual curso escolheria, me dediquei ao cursinho preparatório de vestibular no período noturno e, nos finais de semana, trabalhava com recreação infantil, o que me aproximou ainda mais da ideia de cursar a Pedagogia, entretanto já havia prestado vestibular para a Nutrição.

2. ENSINO SUPERIOR

Em 2017 ingressei no primeiro ano da faculdade de Nutrição. Inicialmente, as expectativas foram muito boas: a gastronomia despertava em mim um sentimento de satisfação, mas, com o decorrer do curso, comecei a apresentar muita dificuldade para acompanhar.

Nessa mesma época, entrei como jovem aprendiz de marketing no Taubaté Shopping e não conseguia conciliar tempo para estudar tantas matérias. Junto com o primeiro emprego fazia um curso obrigatório do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), preparatório para o emprego e eu me saí muito bem, porém comecei a me questionar se estava na faculdade certa. Então, cursei mais um ano de Nutrição, porém, chegando no final do 4 semestre, não me encantei pela profissão, sendo assim conversei com meus pais e optei por trancar o curso.

No início de 2019, diante de tudo isso, comecei o Curso de Pedagogia, fui ser professora e foi amor à primeira vista. No curso, os professores eram amorosos, preocupados e próximos, relações que eu sentia falta enquanto cursava a Nutrição.



Os indivíduos são capazes de lembrarem através de signos. A característica principal do comportamento do ser humano é que os “homens influenciam sua relação com o ambiente e, através desse ambiente, pessoalmente modificam seu comportamento, colocando-o sob seu controle (VYGOTSKY, 1998 p. 68).

Em fevereiro fui chamada para trabalhar como auxiliar escolar, por um concurso da Fundação Universitária de Taubaté (FUST) que havia feito em 2017 e fiquei muito empolgada em trabalhar na mesma área de estudo.

2.1 Estágios Docentes: o que é ser Professora?

A primeira escola em que atuei foi a EMIEF Ernesto de Oliveira Filho e permaneci lá até agosto. Como sempre estudei em escola particular, esse foi meu primeiro contato com o ensino público e, logo de início, encontrei meu primeiro e maior desafio nesse processo: auxiliar uma sala com aproximadamente 35 alunos de 4º ano, com apenas 3 alfabetizados. O Professor da turma desenvolvia métodos tradicionais de ensino e os desafios eram inúmeros.

O educador precisa ter habilidade para organizar e transmitir esse saber, mediante uma ação teórico-prática, ou seja, a fundamentação teórica ligada à ação, para ela o termo bem é que faz toda a diferença, mantém um grau de importância central, assumindo um cunho ético em relação à competência do professor. Sendo assim, entendemos que o professor não deve ser, simplesmente, um mero transmissor de conteúdos e sim um mediador que propõe ao seu aluno a reconstrução dos saberes, desta forma, as competências passam a direcionar o trabalho docente, devendo ser colocadas como prioridade para melhores resultados (CANAN, 2012, p. 4)



Foi a primeira turma que trabalhei, alunos inesquecíveis que precisavam de alguém que enxergasse suas capacidades e, ali, eu comecei a perceber os grandes obstáculos dessa profissão tão bonita que é a de educar. Em julho fui direcionada a trabalhar na secretaria onde permaneci até a agosto, quando surgiu vaga em uma escola perto da minha casa, o que precisei aceitar, pois, apesar de gratificante atuar em sala de aula, a rotina era muito exaustiva - saía de casa as 6h50 e só retornava as 23h30 min.

Em agosto, fui transferida para o Programa Ensino Esporte e Juventude IV (PEEJ IV), um espaço para as crianças cursarem o ensino integral fora da escola, com aulas de dança, música, educação física, artes reforço. Pelo formato da escola, eu auxiliava na organização e na realização de tarefas para casa. O trabalho me exigia menos tempo, dando a oportunidade de me dedicar mais à faculdade.



A Pedagogia me encantava e a forma com que os professores ensinavam com delicadeza e mostravam afeição por nós alunos, apontavam que eu estava no caminho certo. Em todas as séries eu carreguei uma dificuldade em Matemática, o que me gerou muita insegurança na matéria e, ali, eu pude perceber que não precisava ser assim, que o método de ensino faz toda diferença na aprendizagem.

Em fevereiro de 2020, fui chamada pelo Centro de Integração Escola e Empresa (CIEE) para estagiar em uma excelente escola próxima a minha casa, EMIEF Emílio Simonetti e iniciei em uma turma de 2º ano. Eu fiquei assustada em perceber como o ensino era desigual em relação à escola anterior: aqui, quase todos os alunos estavam alfabetizados e a professora conseguia realizar um ótimo trabalho sem grandes obstáculos.



Mas, infelizmente, após 3 semanas de trabalho, anunciaram a pandemia e, por orientações das autoridades responsáveis, aos poucos os alunos

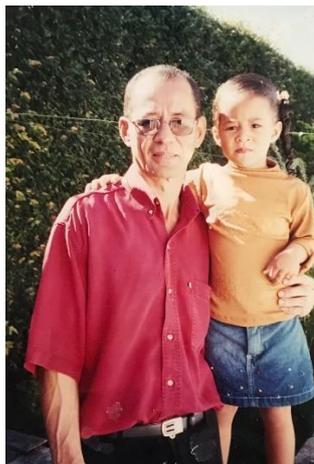
precisaram parar de frequentar a escola e, nós estagiárias, começamos a auxiliar de outras formas como entregando alimentos e atividades.

Durante o curso de graduação começam a ser construídos os saberes, as habilidades, posturas e atitudes que formam o profissional. Em períodos de estágio, esses conhecimentos são ressignificados pelo aluno estagiário a partir de suas experiências pessoais em contato direto com o campo de trabalho que, ao longo da vida profissional, vão sendo reconstruídos no exercício da profissão (ALMEIDA e PIMENTA, 2014, p. 73).

O estágio é o primeiro momento em que o futuro profissional experimenta e atua em seu campo de formação, alinhando as teorias ensinadas em sala de aula com a prática. É através dessas experiências que se desenvolve competências e habilidades para lidar com o cotidiano que a todo momento apresentam novos e complexos desafios.

Nessa época, também passava por problemas familiares: em uma viagem de família, meu pai apresentou alguns problemas de saúde e, após a realização de exames, descobriu um câncer raro em estado avançado. Por conta da pandemia, eles optaram por fazer o tratamento em São João Del Rei - MG, sendo assim, eu fiquei sozinha em Taubaté e viajava para visitá-los quase todos os meses. Todas essas questões me desanimaram: era muita ansiedade pela pandemia, medo pelos meus pais, mas precisava lidar sozinha. Precisei de muito apoio do meu namorado para conseguir.

Chegando no final de mais um semestre, eu me sentia totalmente perdida, não tinha mais vontade de participar das aulas e estudar. Preocupada com a minha situação, a professora Maria Teresa, à época Diretora do departamento de Pedagogia me procurou e não me deixou desistir. Conversei com todos os professores e o cuidado que tiveram comigo foi crucial nesse momento tão delicado. Em especial, deixo meu agradecimento à professora Márcia Pacheco, que é minha orientadora, pois, naquele momento, suas palavras me emocionaram muito e me trouxeram conforto. Infelizmente, em setembro de 2020, meu pai veio a falecer e, apesar de tanta dor, eu precisei superar as dificuldades, pois ele sonhava muito em me ver formada.



Como disse Amado Nervo, “Aqueles que amamos nunca morrem, apenas partem antes de nós”.

No final de 2020 e início de 2021, eu estava lutando contra questões emocionais e me sentia muito mal dentro de uma escola sem crianças, o que me causava crises de ansiedade no horário de serviço. Por esse motivo, acabei saindo de lá e trabalhando como babá, o que faço até hoje.

Entrei também para o do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), realizando trabalho remoto e criando atividades para as crianças fazerem em casa, além de muitos vídeos de leitura. Recentemente o programa voltou presencialmente e tive uma experiência muito marcante, que foi a de participar da Família na Escola e, juntamente com a professora orientadora Kelly, fazer uma roda de leitura muito divertida com os alunos.



O projeto do PIBID permite que o bolsista desenvolva atividades que ajudarão no crescimento acadêmico e com a supervisão de profissionais qualificados e de acordo com o art. 3o do Decreto n. 7219, de 24 de junho de 2010 o objetivo de:

- I – Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- II – Contribuir para a valorização do magistério;

III – elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;

IV – Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;

V – Incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como conformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e

VI – Contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.

Participar desse projeto me encorajou a seguir em frente e hoje, com a vida voltando ao normal aos poucos, é recompensador olhar para trás e notar quanta coisa todos enfrentaram e foram capazes de superar com a pandemia: mesmo com todo medo e dificuldade, ela me trouxe vontade de ser um ser humano melhor e levar todo o meu conhecimento para o próximo. A Pedagogia é a profissão que faz sentir realizada.

As experiências de docência vivenciadas nos estágios curriculares e do PIBID, possibilitaram a reflexão sobre o papel da escola e sua função social, principalmente no contexto de pandemia e dos problemas de ordem pessoal vividos, e nesse sentido merece destaque a finalidade de formação socioemocional dos alunos sem, contudo, desmerecer a importância dos aspectos cognitivos, sociais e motores por considerar a importância da formação integral.

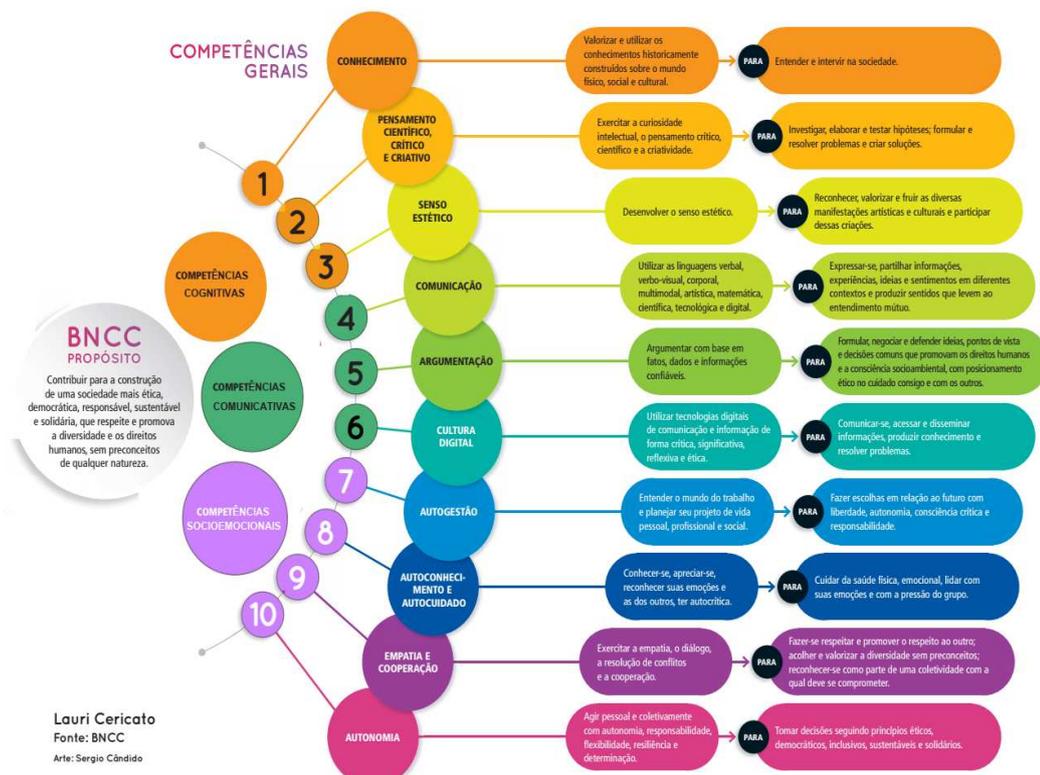
Diante disso, na formação e no processo de ensino aprendizagem é indispensável reconhecer que o trabalho educativo deve ser desenvolvido de maneira significativa, globalizado, em contextos reais para tornar efetivo o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças e jovens.

Considerando a criança um ser social, histórico, que vive em um meio cultural. Em conjunto, não se pode esquecer que ela está em processo de desenvolvimento e aprendizagem, exercendo saberes e adquirindo novos. É nesse sentido, que o desenvolvimento das habilidades e competências socioemocionais se torna importante de ser desenvolvido de forma integrada com as demais competências requeridas para o desenvolvimento da cidadania.

As habilidades socioemocionais envolvem a aptidão para lidar com desafios e ter habilidades para dialogar com os outros e saber entender, administrar os próprios sentimentos. Dessa forma, o indivíduo aprende a gerenciar melhor as situações do cotidiano e trazer alguns resultados para o local em que interage.

A vida social requer uma série de competências que os seres humanos precisam para lidar com suas emoções, gerenciar metas de vida e se relacionar com as outras pessoas. Por isso, está cada vez mais evidente as necessidades de se ter habilidades socioemocionais nos ambientes coletivos e principalmente escolares.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) deixa clara a definição de competência “[...] mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BNCC, 2017).



(IAS, 2017)

A formação das competências e habilidade socioemocionais se dá a partir de experiências, com valores múltiplos em contextos únicos e coletivos. E é esta construção que direciona as atitudes, tomadas de decisões e nossas escolhas

ao longo da vida. Essas competências e habilidades devem ser trabalhadas na trajetória de vida das pessoas, no ambiente escolar, familiar e social. Por isso, é tão importante propiciar novas experiências, o trabalho colaborativo e a consciência sobre “quem somos” ao longo do processo. Essas habilidades abrangem o autoconhecimento; a empatia; capacidade para se colocar no lugar do outro; o espírito colaborativo; a resiliência; capacidade de superar obstáculos; bem como adaptar-se a mudanças e situações adversas (IAS, 2017).

Por sermos seres sociais por essência, o humano precisa desenvolver habilidades socioemocionais para viver em sociedade, construindo relações mais saudáveis. Essas habilidades são exigidas cotidianamente nas mais diversas circunstâncias, integrando os processos relacionados a aprender, a conhecer, a ser, a conviver e a trabalhar. No entanto, embora essas sejam habilidades típicas do ser humano, é essencial que elas sejam estimuladas e trabalhadas ao longo de toda a vida.

Os estudos realizados pelo Instituto Ayrton Senna (IAS), (2017) mostram a importância de dezessete competências divididas em cinco grupos de macrocompetências, sendo essas: a autogestão, o engajamento com os outros, amabilidade, a resiliência emocional e a abertura ao novo.



(IAS, 2017)

Essas são importantes para uma vida saudável e uma carreira de sucesso, elas ajudam na consolidação de habilidades como determinação,

assertividade, autonomia, autocontrole, autoconhecimento, curiosidade para aprender, empatia, proatividade, resiliência, tolerância ao estresse, entre outras.

Dessa forma, por meio das atividades escolares é possível desenvolver as competências socioemocionais com atividades lúdicas, brincadeiras, jogos, música, artes, rodas de conversa e através de experimentos. Os trabalhos em equipe, por exemplo, estimulam a criatividade, o relacionamento interpessoal e o desenvolvimento do sentimento de empatia, uma vez que é necessário saber ouvir e expor sua opinião para os outros. Esse tipo de atividade também ajuda a desenvolver um raciocínio lógico e o poder da argumentação, além da habilidade de lidar com suas emoções, também consegue ter autocontrole em situações de desequilíbrio. Essa situação simples já está preparando o aluno para lidar com as demandas de seu ambiente social (SILVA, 2017).

A empatia é uma competência que se encaixa dentro da amabilidade. Uma macrocompetência que expressa o grau de agir de acordo com os princípios, compaixão, justiça e acolhimento ao próximo. O nível em que se é estabelecido de relação com os sentimentos dos outros e o quanto coloca-se em seu lugar, medindo sua capacidade de cooperação, altruísmo e ajuda ao próximo.

Silva (2017) subsidiada pelos estudos Golleman, (1996), define empatia como “ [...] a capacidade que permite às crianças compreender os sentimentos das outras, ao relacioná-los com sentimentos que elas próprias já experimentaram”. E ainda completa que empatia “[...] é a habilidade para compreender o mundo afetivo do outro, demonstrando essa compreensão através de comportamentos. É entendida, também, como a capacidade para perspectivar o ponto de vista do outro” (SILVA, 2017, p. 34). Explica que Golleman, (1996), considera a empatia como uma habilidade socioemocional chave para o estabelecimento de interações sociais positivas e que ajuda a criança a fazer amizades e a desenvolver o sentimento de pertença.

Essa habilidade de colocar-se no lugar do próximo para entendê-lo e enxergar verdadeiramente sua situação, assim preocupando-se com suas necessidades e sentimentos. Trabalha a ação de ser empático, ser capaz de dialogar e respeitar cada vez mais o próximo, trabalhando de modo construtivo e conjunto com a comunidade em que está inserido.

A empatia é que promove a ligação entre as pessoas umas às outras, assim captando o que o outro está sentindo. Ela é capaz de devolver nas pessoas a capacidades como a: de tomar outras perspectivas, reconhecendo o ponto de vista do outro; ausentar-se de julgamentos inapropriados; e reconhecer emoções em outras pessoas além de próprio.

Para os professores, ainda infelizmente é uma competência pouco trabalhada. Ainda hoje, tem profissionais interessados apenas em trabalhar as capacidades cognitivas com os alunos. Não se comprometendo de forma íntegra e verdadeira com o ensino e reconhecimento do outro. A empatia vinda do professor é fundamental para o desenvolvimento íntegral das crianças, e para as ações de reciprocidade em relação a isso. As crianças em diversas etapas de seu desenvolvimento, enxergam um modelo de referência nos professores, as habilidades socioemocionais são desenvolvidas pela vivência de práticas empáticas em ambientes (GOMES, 2018).

Dessa forma, o professor que reconhece a importância dessas questões para o desenvolvimento afetivo do seu aluno, faz com que a criança se sinta especial, querida e importante. Ele deve ouvi-las e nunca as ridicularizarem e saber que cada um de seus alunos é diferente, preocupando-se em enfatizar sempre seus pontos fortes e minimizar os fracos, trabalhando com a auto estima da crianças.

Alguns outros aspectos, segundo o (IAS, 2017) desenvolvidos através da empatia e o reconhecimento da criança, são:

- A melhora na autoestima e no seu desenvolvimento;
- Ela pode facilitar a aprendizagem da criança, em um nível altíssimo, devido a vontade de estar e inspirar-se no docente;
- Evita a exclusão social, fazendo a criança mais feliz e a vontade em seu meio escolar;
- Ensina a criança a criar objetivos de vida, vendo que estes podem levá-las a uma boa vida adulta por exemplo, sendo provável está também agir de maneira empática em seu futuro.

O ensino e a aprendizagem se trabalhados junto com a empatia são capazes de trazer ganhos inúmeros. Pois geram a motivação na criança, já motivada ela aprenderá mais e melhor. Quanto mais a criança se sentir acolhida, compreendida, e confiante, mais fácil será o processo. Um professor empático

pode até mesmo fornecer refúgio a criança que sofre com maus tratos, diversos tipos de abusos entre outros.

Neste memorial o destaque especial foi para a habilidade socioemocional de empatia uma das principais competências que o professor precisa desenvolver, pois a partir dela os relacionamentos interpessoais são mais afetuosos, solidários, compreensivos e acolhedores, demonstrando compaixão e justiça. A interação com os alunos é mais significativa e marcante, impactando positivamente os resultados acadêmicos dos estudantes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tenho comigo que a Pedagogia nos prepara não só a ensinar, mas a ser um suporte para a vida do aluno. Este memorial me transportou a um passado que a muito tempo não explorava; me fez recordar o quão forte foi a influência de cada educador em meus anos letivos. Ele tem como objetivo apresentar os caminhos que me trouxeram até aqui; o que fez me apaixonar pela Pedagogia, a comprometer-me com o campo docente e a ter ciência da real função do educador na sociedade.

Em minhas experiências educacionais, vivenciei a necessidade de entender a dificuldade de cada aluno e assim aplicar e extrair o melhor de cada um, criando um ambiente empático, que me serviu como uma lição de vida, da qual eu nunca irei me esquecer.

O projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) contribuiu de modo significativo para a minha formação. O impacto das dificuldades, sobretudo causados pela Pandemia mundial que enfrentamos, exigiu uma adaptação do modelo de ensino e me permitiu desenvolver habilidades para organizar e transmitir o saber.

A Pedagogia é uma profissão que requer experiências pois o contexto escolar e sua complexidade acabam fugindo da teoria, portanto participar desse projeto em um momento que todos vivenciamos situações fora do comum, me incentivou a buscar o melhor de mim. Essa vivência me permitiu uma relação mais próxima com professores com anos de experiência e que me motivaram a almejar um futuro melhor mesmo com tantas provações.

Na elaboração deste memorial foi possível ressignificar minha escolha pela educação e perceber a importância da atuação do professor frente ao processo de ensino e sua função social e com isso destacar o valor da metodologia utilizada no processo de ensino e aprendizagem, principiante no ensino fundamental

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria I.; PIMENTA, Selma G. Estágios supervisionados na formação docente. São Paulo: Cortez, 2014

ALVES, Rubem. Sobre o tempo e a eternidade. Disponível em: [Sobre o tempo e a eternidade - Rubem A. Alves - Google Livros](#) Acesso em: 05/11/2022

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 01 de out. de 2022

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da adolescência**: normalidade e psicologia por Dinah Martins de Souza Campos. 11ª Ed. Petrópolis, Vozes, 1987.

CANAN, Sílvia Regina. PIBID: promoção e valorização da formação docente no âmbito da Política Nacional de Formação de Professores, Revista Brasileira de pesquisa sobre Formação Docente, Belo Horizonte, v. 04, n. 06, p. 24-43, jan./jul. 2012.

GOLEMAN, D. (1996). Inteligência Emocional. Edição: Círculos de leitores.

GOMES, Manoel Messias. Fatores que facilitam e dificultam a aprendizagem. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/14/fatores-que-facilitam-e-dificultam-a-aprendizagem> Acesso em 01 de dezembro de 2021.

GOMES, Ricardo Meza. Importância do PIBID na escola: presença necessária para formação docente. Disponível em: http://cbq2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404397149_ARQUIVO_ArtigoEubia.pdf Acesso em 01 de JANEIRO de 2022.

HAMZE, Amélia. O que é aprendizagem? Disponível em: [O que é a Aprendizagem? - Educador Brasil Escola \(uol.com.br\)](#). Acesso em 07 de novembro de 2022.

INSTITUTO AYRTON SENNA (IAS), 2017 Competências socioemocionais para contextos de crise. Disponível em: < <https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/socioemocionais-para-crisis.html> >. Acesso em: 14 agosto de 2022

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006. p. 40.

NERVO, Amado. Frases e Pensamentos de Amado Nervo. Disponível em: < <https://kdfrases.com/autor/amado-nervo>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2023

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência - teoria e prática: diferentes concepções. Formação da pedagoga e do

pedagogo: pressupostos e perspectivas. Tradução Marília: Cultura Acadêmica, 2012. p. 244.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 21.ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, A. A. **Literatura para Bebês. Pátio.** São Paulo, n.25, p. 57-59, Fev/Abr.2003.

SILVA Patrícia Nogueira. Competências Socioemocionais e a Resolução de Conflitos Interpessoais em Contexto Jardim de Infância. Dissertação de mestrado. Universidade do Minho, 2017. Disponível em : https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/57316/1/Compet%C3%Aancias%20Socioemocionais%20e%20a%20Resolu%C3%A7%C3%A3o%20de%20Conflitos%20Interpessoais%20em%20Contexto_20170725143331329.pdf. Acesso em 14 de julho de 2022.

VYGOTSKY, Lev. A formação social da mente. Disponível em: [Vygotsky – A formação social da mente – Consciência.org \(consciencia.org\)](http://www.consciencia.org). Acesso em: 05 de novembro de 2022.

WALLON, Henry (1973/1975). **A psicologia genética.** Trad. Ana Ra.In. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Estampa (coletânea).